

Eu Me Lembro DE...¹

Maggie Suellen PAIVA²

Naiana Rodrigues da SILVA³

Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O presente trabalho busca tratar da produção em fotojornalismo “Eu me lembro de...”, que retrata a peculiar realidade de dois homens diagnosticados com a Demência de Alzheimer. Por meio do processo de inserção da fotógrafa na rotina dos personagens, justificativa das técnicas ou métodos utilizados, tal como a descrição do produto final buscamos compreender a importância da fotografia em preto e branco e do fotojornalismo na perpetuação da memória de pessoas que já não podem falar por si só, e também na ação de retratar uma realidade muitas vezes ignorada pelo restante da sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Alzheimer, Fotojornalismo, Comunicação

¹Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção em Fotojornalismo.

² Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: maggiapaivaribeiro@gmail.com.

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: naianarodrigues@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O senso comum nos leva muitas vezes a acreditar que o Alzheimer (mal que afeta mais de 35 milhões de pessoas no mundo) é uma condição na qual as pessoas não se lembram de nada. Ledo engano. Caracterizado, de fato, pela perda gradual tanto da memória quanto da habilidade de formar novas lembranças, o Alzheimer é, ainda, muito mais do que isso. Para além do esquecimento, o paciente com Alzheimer ainda lida com lembranças, memórias antigas e muitas vezes confusas, mas que estão lá e aconteceram com ele, ele as viveu. Lembranças antigas, até mesmo da infância, que permaneceram adormecidas e, com o Alzheimer, voltam à tona, são, por definição, lembradas.

No entanto, por que o ignoramos e preferimos nos contentar com senso comum e achismos do que realmente buscar nos informar e procurar saber mais a respeito? É um questionamento para o qual muitas respostas são aceitáveis, inclusive aquela ideia que diz que não nos importamos tanto quando deveríamos com o Alzheimer porque é uma condição que atinge, principalmente, pessoas idosas e ainda não aprendemos a valorizar os nossos.

Em uma realidade em que se supervalorizam as memórias, as lembranças, os registros, as fotos, as *selfies*, nos falta, justamente, abraçar o esquecimento como algo natural e intrínseco a ser humano, como corrobora Bergson, “[...] o cérebro contribui para lembrar a lembrança útil, mas, mais ainda, para afastar provisoriamente todas as outras” (1985, p. 198, apud FERRAZ, 2008, p. 187). Se assim fosse, se assim fizéssemos, talvez uma condição caracterizada por um esquecimento gradual não fosse um tabu, assim como falar sobre ela. Se não fosse um tabu, nos importariamos mais, falaríamos mais sobre, buscaríamos saber mais a respeito e não teríamos as visões errôneas que acabamos por formar.

Longe de ser local de armazenamento ou arquivo de lembranças, o cérebro é associado à inibição das lembranças, ao esquecimento, remetido à atenção à vida, ao mecanismo de suspensão da memória como um todo no plano da virtualidade. Uma vez que a memória se vincula à virtualidade, o esquecimento deixa de ser pensado como uma operação negativa (de eliminação, anulação de lembranças), passando a se confundir com o mecanismo de suspensão para o plano da virtualidade (da memória, portanto), ou seja, como a sobrevivência de todo o vivido em um outro modo de existência, inconsciente (FERRAZ, 2008, p. 187).

Onde entram, então, a fotografia e o fotojornalismo? Ora, a fotografia é uma maneira não apenas de analisar, mas documentar e registrar a sociedade, seus problemas e,

dessa forma, também as pessoas com suas condições e dramas que, por mais pessoais que sejam, continuam inseridos em uma sociedade da qual fazem parte.

De todos os meios de expressão, a fotografia é o único que fixa para sempre o instante preciso e transitório. [...] Lidamos com coisas que estão desaparecendo e, uma vez desaparecidas, não há nenhum esforço sobre a terra que possa fazê-las voltar. Não podemos revelar ou copiar uma memória (CARTIER-BRESSON, 1991, p. 21, apud SOUZA, 2013, p. 3).

A fotografia – um instrumento, uma ferramenta ou um pedaço da sociedade na qual está inserida – como uma forma de enxergar o Alzheimer e as pessoas que convivem, diagnosticadas ou não, com essa condição, possibilita não apenas a geração de memórias por meio do registro e do documento fotográfico, como também uma maneira de enxergar nossos idosos e as doenças ou problemas com os quais eles convivem, além do olhar direcionado ao ser humano, o que ele vive, o que ele enxerga, o que suas feições expressam, para além de qualquer mal documentado ou diagnosticado.

2 OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é retratar, por meio de fotografias, pequenos aspectos da rotina de duas pessoas diagnosticadas com Alzheimer, de forma a identificar as fotografias em questão e o fotojornalismo como documentos de memória, visto que “a informação através da palavra escrita é fundamental para a compreensão e análise dos fatos, mas o poder da imagem é indiscutível” (LÁZARI&MARINO, 2009, p. 2).

Além disso, identificar as técnicas e métodos, como a regra dos terços e o uso do preto e do branco nas fotos, utilizados como facilitadores desses objetivos.

A fotografia está frequentemente associada à noção de “documento”. Isto significa que, antes de tudo, a fotografia serve para testemunhar uma realidade e, posteriormente, para recordar a existência dessa mesma realidade (BASTOS, 2014, p. 136).

No entanto, é necessário ressaltar a importância de ter também como objetivo trabalhar a fotografia com sensibilidade, características que, tal como a poesia e a arte, se não são intrínsecas, muito têm a contribuir com o fotojornalismo a partir da forma como ele é trabalhado.

Portanto, neste trabalho, além de dar ao assunto a visibilidade necessária tanto ao assunto quanto àqueles que tanto ignoramos, não buscamos resgatar memórias há muito perdidas e sim transformá-los, assim com sua atual realidade e rotina, nas memórias que precisam ser feitas, isso por meio do uso da fotografia como uma importante ferramenta geradora de memórias, das quais essas pessoas precisam.

3 JUSTIFICATIVA

Diante da forma como lidamos com o Alzheimer, muitas vezes um tabu em sociedade, faz-se necessário encará-lo como o problema que realmente é, não apenas de quem é diagnosticado e de suas famílias, mas da sociedade como um grande ser humano, sociedade essa que precisa começar a falar sobre esse assunto, enxergar esse tema, cujas rodas de conversa e reuniões não devem mais serem compostas apenas com aqueles que lidam com pacientes no dia a dia.

Os idosos, os pacientes, os diagnosticados não são apenas deles, mas também nossos. O choque inicial ao se deparar com um paciente de Alzheimer nada mais é que o choque de ter, até dado momento, ignorado um tema de tamanha importância, mais que em relação ao personagem, o choque é em relação a si próprio.

O idoso é vítima de inúmeros preconceitos estabelecidos pela sociedade, além disso a incapacidade de realizar algumas tarefas que antes lhes eram atribuídas causa muita dependência física e muitas vezes financeira. A maioria dos idosos possui uma ou mais doença(s) crônica(s), o que dificulta ainda mais uma boa interação com a sociedade. A doença de Alzheimer é um exemplo de doença crônico-degenerativa que agrava estes fatores. (CALDEIRA&RIBEIRO, 2004, p. 3).

Direcionar o olhar é preciso, um olhar humano, o olhar de uma câmera para documentar uma situação e uma pessoa ignorada, afinal “a fotografia tem um lugar central e fundamental na sociedade” (BASTOS, 2004, p. 128), de forma que “é possível fazer uma leitura sociológica de vários fatos e acontecimentos a partir da imagem [...] quando consideramos o retrato, a fotografia documental e o fotojornalismo” (BASTOS, 2004, p. 128).

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

4.1 A REGRA DOS TERÇOS

A regra dos terços, apesar do nome, é muito mais uma técnica de composição, do que uma regra em si, comum a artistas e fotógrafos de diversas áreas.

No uso desta técnica em especial, a imagem a ser fotografada (ou a pintura) é dividida em nove quadrados, formados e limitados pelo traçado de duas linhas verticais e 2 horizontais, que formam uma espécie de “grelha” na imagem. (O MEU OLHAR, 2016).

Segundo a teoria, cada um dos pontos de intersecção entre as linhas são locais de repouso e de foco. Dessa forma, nesses pontos ou ainda nas próprias linhas, é colocado o objeto ou parte da imagem que se deseja destacar, o que gera uma imagem balanceada, equilibrada, visualmente.

Estudos fotográficos chegaram à conclusão que quem observa uma imagem olha mais depressa para um dos pontos de cruzamento do que para o centro da fotografia. A aplicação da regra dos terços não é mais do que evitar simplesmente centrar o elemento a fotografar (O MEU OLHAR, 2016).

Na produção de “Eu me lembro de...”, a regra dos terços foi utilizada de modo a destacar, em cada foto, diferentes elementos que compõem o dia a dia dos personagens, além de, naturalmente, os próprios personagens, seus rostos e expressões.

É importante ressaltar, no entanto, que cada uma das fotografias em que se optou por destacar uma face, há algum elemento objeto (ou ainda posição ou sombra) que esconde parcialmente, por menor que seja a área, o rosto do personagem.

Mesmo diante de fotos em que o elemento ou aspecto que busca impedir uma visão completa da face não impeça realmente, tem-se a utilização desses elementos muito mais como papel simbólico de não expor abertamente os rostos dos personagens.

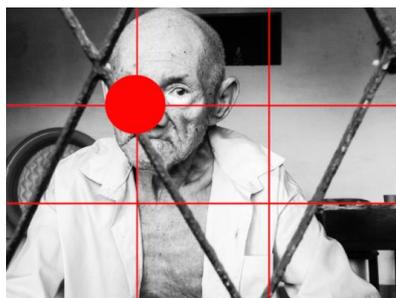


Figura 1

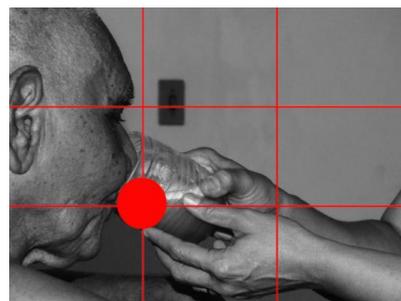


Figura 2

Não são sempre as expressões ou os rostos que recebem, por meio da regra dos terços, o destaque nas fotografias, eventualmente dado a objetos simples, mas que fazem parte das rotinas dos fotografados, ou a gestos dos próprios personagens ou que expressam os laços entre eles e seus familiares/cuidadores.

Na figura 1, por exemplo, a intersecção entre as linhas destaca a expressão de Seu Antônio, com a visão de seu rosto parcialmente encoberta pela barra da grade de uma janela, como já ressaltado. Na figura 2, o destaque é dado ao copo com o qual a esposa de Seu Alberto o alimenta, retratando a relação especial e próxima dele com sua esposa e cuidadora.

4.2 A ESCOLHA DO PRETO E BRANCO

Em uma realidade cercada dos mais diversos avanços tecnológicos, quando esses interferem até mesmo no processo fotográfico, seja por meio da qualidade das câmeras ou pela possibilidade de ter fotos com cores mais vivas e fiéis, optar pelo preto e branco em uma fotografia ou ensaio parece uma escolha retrógrada, quando na verdade não o é, especialmente lidando com um assunto tão delicado como memória, o que vem à tona quando fotografamos personagens com Alzheimer.

Para Lemes e Guimarães (2011, p.2), “a imagem preto-e-branco pode representar bem a ideia de imagem antiga, ou onírica (representando a narrativa do sonho), ou de lembrança (tendo na ausência da cor a indicação de imprecisão da lembrança)”.

Nomes como o do brasileiro Sebastião Salgado e do francês Henri Cartier-Bresson, considerado o pai do fotojornalismo, são exemplos de grandes fotógrafos que optam ou optaram pelo preto e branco. O segundo, inclusive, fotografa inicialmente sem cores por conta da limitada tecnologia, mas seguiu com esse tipo de fotografia apesar do advento das cores no processo fotográfico. “A emoção, encontro-a no preto-e-branco: ele transpõe, é uma abstração, não é ‘normal’. [...] A cor, para mim, é o campo específico da pintura” (CARTIER-BRESSON, apud SOULAGES, 2010, p.46, apud LEMES&GUIMARÃES, 2011, p.3).

A presença de cores rouba a atenção e o olhar do que realmente se pretende mostrar com a fotografia, das emoções que se pretende transmitir. Optando pelo preto e branco, convida-se a um novo olhar, sem distrações, da fotografia em seu cerne, em seu conceito,

em sua base e essência, onde apenas importa a composição de uma imagem que pode e deve ser crua, despida de cores.

Além disso e de uma maior visibilidade de contrastes e detalhes, a fotografia em preto e branco oferece uma oportunidade única de, além de gerar uma imagem sem distrações, gerar uma imagem que vai além da realidade, sendo, por esse ponto de vista, muito mais completa e, por isso mesmo, impossível de se observar sem o trabalho de um fotógrafo e de sua câmera.

Não pode haver no mundo lá fora, cenas em preto-e-branco. Isto porque o preto e o branco são situações “ideais”, situações-limite. O branco é presença total de todas as vibrações luminosas; o preto é a ausência total. O preto e o branco são conceitos que fazem parte de uma determinada teoria da Ótica. De maneira que cenas em preto e branco não existem. Mas fotografias em preto-e-branco, estas sim, existem. (FLUSSER, 2002, p. 38, apud LEMES&GUIMARÃES, 2011, p. 5).

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Eu me lembro de...” é uma série de 12 fotografias, em preto e branco, de dois homens diagnosticados com Alzheimer há cerca de 3 e 8 anos. As fotografias foram feitas nas casas dos personagens, acompanhados por suas cuidadoras, uma filha no caso do Seu Antônio (de 89 anos) e a esposa, no caso do Seu Alberto (88 anos).

As fotografias foram feitas durante a produção do especial multimídia “Fragmentos”, produto da disciplina de Laboratório Multimídia da Universidade Federal do Ceará, semestre 2015.2, visto que “a estrutura da fotografia não é uma estrutura isolada; comunica, pelo menos, com uma outra estrutura, que é o texto (título, legenda ou artigo) que acompanha toda a fotografia de imprensa” (BARTHES, 2009, p. 12, apud LEITÃO, 2012, p. 2).

“Fragmentos” retrata as vidas e rotinas de pessoas diagnosticadas com Alzheimer, destacando em suas diversas reportagens a rotina de cuidadores – tanto familiares, quanto cônjuges e cuidadores profissionais –, o atendimento a esse tipo de paciente na rede pública, a relação do paciente com a família, a atenção dada pelo Ministério Público do Ceará a esse problema em específico, entre outros aspectos.

A série de fotos que compõe o produto “Eu me lembro de...”, em especial, foram feitas durante a produção da reportagem “Cuidadores”, que fala sobre familiares ou

profissionais que fazem do cuidado com pacientes de Alzheimer suas profissões e rotinas. As fotos, no entanto, focam muito mais os personagens, suas expressões, o que eles fazem, na tentativa de transmitir por meio de imagens as emoções que transparecem em seus rostos, mas eles já não são mais capazes de descrever, além de pequenos aspectos de seu dia a dia do que em seus familiares e cuidadores. A esses, na série, está reservado o destaque por meio da relação de proximidade e afetuosidade que se desenvolve ainda mais a partir do diagnóstico e do cuidado diário, conforme todos os entrevistados ressaltaram para os estudantes.

Os personagens e entrevistados, até então desconhecidos, por sua vez, foram minuciosamente buscados pelas equipes e nos convidaram a entrar em suas casas, conhecer suas rotinas, suas realidades e suas histórias, seus dramas pessoais, medos e segredos. Abriram suas portas, responderam perguntas e não se incomodaram com a câmera. Mostraram suas vidas, riram, choraram e permitiram a cada um de nós que entramos por suas portas entrar também em suas vidas, dividindo conosco suas salas, mesas, sofás, comida, água, palavras, diálogos e tudo quanto fosse necessário e pedíssemos nas tardes que dividimos com os personagens e suas famílias, que sempre nos trataram muito bem. Em meio a essas conversas, foram feitas as fotos, que – diferente de outras situações comuns para estudantes, repórteres ou fotógrafos – não intimidaram nem os personagens nem os entrevistados, que estiveram sempre muito abertos ao que quer que lhes fosse requisitado.

As fotos foram feitas com uma câmera Fujifilm Finepix HS25EXR e utilizam, como técnica, principalmente a regra dos terços e são, todas, em preto e branco. O processo de edição foi feito pelo programa Adobe Lightroom 5.5, onde, além do contraste, foram alteradas nas fotografias, conforme necessário, a exposição, a temperatura, a intensidade do preto ou do branco e a saturação.

Mais importante, no processo de fotografar personagens cujas histórias e realidades são delicadas, buscou-se, acima de qualquer técnica, sensibilidade no olhar e respeito na manutenção de fotografias que, de alguma forma, ficam como memórias ou documentos de lembranças, mesmo que de apenas um dia ou outros, que eles próprios já não podem guardar por si só.

As fotografias em geral, sobrevivem após o desaparecimento físico do referente que as originou: são os elos documentais e afetivos que perpetuam a memória. A cena gravada na imagem não se repetirá

jamais. O momento vivido congelado pelo registro fotográfico é irreversível. (KOSSOY, apud LÁZARI&MARINO, 2009, p. 1).

É importante ressaltar, ainda, o papel da ética necessária à produção fotojornalística neste trabalho. Usualmente, quando se fala de ética na fotografia, o que vêm a mente é a manipulação digital de fotos, o que rende, muitas vezes, imagens quase falsas em busca de um objetivo, ou o que se deve levar conta ao fazer fotos em público, como direito de imagens ou mesmo a possibilidade de se estar invadindo a privacidade de alguém. No entanto, diante da fotografia de pessoas, as que são fotografadas na segurança de suas casas devem ser alvo do mesmo respeito e ética por parte do fotógrafo quanto as que estão na rua, visto que “o olhar pode gerar empatia, mas também resultar em puro voyeurismo. Em primeira linha, as imagens da imprensa têm a tarefa de informar com rapidez. Em longo prazo, elas constituem a base da memória” (GOETHE INSTITUT, 2016).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fotojornalismo é um importante meio, tão importante quanto qualquer ferramenta que utilize texto, de registro e documentação, seja de lugares, acontecimentos ou fatos, capaz de transmitir mensagens, sentimentos ou emoções.

Pelo uso de fotografias, é possível dar visibilidade, literalmente, a pessoas ou problemas ignorados, analisar tais pessoas e suas condições em relação à sociedade em que estão inseridos, tal como conhecer os seres humanos para além das condições diagnosticadas, no caso deste trabalho, o Alzheimer.

As fotografias, pelo seu teor documental, são, ainda, meios alternativos de construção e formação de memórias, aspecto para o qual contribuem, principalmente, o olhar do fotógrafo e a sensibilidade com que a fotografia é trabalhada, característica que contribui e tem muito a acrescentar ao fotojornalismo.

Por fim, a reunião de tais aspectos e fins da fotografia e do fotojornalismo, como formas de comunicação e difusão de informações, tem a capacidade de contribuir para tratar de uma temática e de pessoas constantemente negligenciadas pela sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Fabiana A. Fotograficidade: a perda e a permanência na estética fotográfica. **Discursos Fotográficos**. v. 6, n. 9, 2010, Londrina – PR, p. 239-245.

BASTOS, Ana Rita. A fotografia como retrato da sociedade. **Sociologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 28, 2014, Porto, p. 127 – 143.

BATISTA JR. Natalício. **Fotografia e Memória: Contra a ação do tempo, a foto fortalece a tradição das técnicas de memorização**.

CALDEIRA, Ana Paula S.; RIBEIRO, Rita de Cássia H. M. **O enfrentamento do cuidador do idoso com Alzheimer**. 2004, São José do Rio Preto – SP.

FERRAZ, Maria Cristina Franco. Corpo, Cérebro e Memória Na Era da Tecla Save: Brilho Eterno de Uma Mente sem Lembranças. **Educação e Realidade**. janjun. 2008. p. 181-192.

GOETHE INSTITUT. <http://www.goethe.de/ins/br/lp/kul/dub/med/pt14404303.htm>. Acesso em: 31 mai. 2016.

LÁZARI, Rogéria; MARINO, Marcela Regina Guerrer Barrios. **Fotojornalismo: Formação e Exercício Profissional**. 2009, São Paulo – Sp.

LEITÃO, Juliana Andrade. Os lugares do fotojornalismo. **Ícone**. v. 14, n. 2, dez. 2012. Recife – PE.

O MEU OLHAR. www.omeuolhar.com/artigos/que-regra-tercos. Acesso em: 26 mai. 2016.

SOUZA, Carlaile José Rodrigues. **A fotografia em questão: um mecanismo de expressão na sociedade e profissional na imprensa**. 9º Encontro Nacional de História da Mídia, 2013, Ouro Preto – MG.

VITOR, Sara Lemes Perenti; GUIMARÃES, Luciano. **Olhares sobre a Fotografia de Henri Cartier-Bresson**. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2011, Recife – PE.